

Astronauta defende o turismo espacial

SALVADOR NOGUEIRA

FREE-LANCE PARA A FOLHA

Não é cedo demais para o turismo no espaço — e não é só Dennis Tito que pensa assim. Edgar Mitchell, que foi à Lua antes que o turista espacial sonhasse em fazer fortuna vendendo fundos de pensão, é quem defende a idéia.

Mitchell teve a incômoda tarefa de pilotar, em 1971, o módulo lunar da Apollo-14, missão que sucedeu a catastrófica Apollo-13. Ele sintetiza facilmente a pressão: “Se alguém é muito preocupado com segurança pessoal, não deveria se tornar um astronauta”.

Hoje, Mitchell está afastado do programa espacial, morando em Palm Beach, Flórida (EUA), mas dá palestras sobre sua experiência como astronauta e sua formação como cientista. Ele estará no Brasil entre 4 e 5 de julho para o 7º Congresso Internacional sobre Tecnologias Inteligentes e Redes Globais. Abaixo, trechos da entrevista concedida à Folha.

★

Folha - Seu vôo para a Lua foi logo depois da missão Apollo-13, que quase resultou na morte de três astronautas e na perda da nave. Qual era o clima entre seus colegas de tripulação na Apollo-14?

Edgar Mitchell - Estávamos confiantes de que o problema havia sido entendido e resolvido. Mas temíamos que, em caso de uma falha da Apollo-14, o Congresso e o público parassem de apoiar o programa Apollo.

Folha - E quanto a preocupação sobre segurança pessoal?

Mitchell - Se alguém é muito

preocupado com segurança pessoal, não deve tornar-se um astronauta. Não somos bobos nem suicidas, mas profissionais preocupados em fazer um bom trabalho. Nós também testamos, examinamos o equipamento, praticamos as manobras e, acima de tudo, acreditamos que o equipamento foi bem construído e está pronto para o vôo.

Folha - Desde os anos 60, o lugar mais distante que o homem já visitou é a Lua. O sr. acredita que a humanidade já tem tecnologia suficiente para ir além?

Mitchell - Podemos explorar as proximidades da Terra com a tecnologia existente, mas para ir a planetas distantes com humanos

precisaremos de revoluções na ciência e na tecnologia de propulsão, comunicação etc. Poderíamos ir para Marte com as tecnologias existentes, mas seria lento e ineficiente. Foguetes químicos precisam ser substituídos para poder carregar carga maior e cumprir menor tempo de viagem.

Folha - Algumas pessoas defendem que a exploração espacial é para sondas automáticas, não missões tripuladas. O que o sr. acha?

Mitchell - Sondas não-tripuladas são ainda necessárias para obter dados preliminares, mas, em algum momento, os humanos as seguirão — é o nosso destino. Nosso Sol está aproximadamente na metade de seu ciclo de vida.

Em outros 4 ou 5 bilhões de anos, o Sistema Solar será inabitável. Ou aprendemos a explorar nossa galáxia ou nossa espécie morrerá. Acredito que atingiremos essa capacidade em um século.

A corrida espacial entre EUA e URSS obrigou os dois países a acelerar os planos para colocar um homem na Lua primeiro. Essa estratégia, embora eficiente, não conseguiu gerar uma ocupação permanente da Lua. Uma estratégia não-competitiva teria sido melhor?

Mitchell - Sim. A exploração do espaço deveria ser um esforço global da civilização da Terra. É muito cara para ser feita nacionalmente. Mas nós ainda não estamos maduros o suficiente como

civilização global para explorar o espaço de modo cooperativo.

Folha - O que o sr. acha da atual estratégia da Nasa, o famoso “Faster, Better, Cheaper” (mais rápido, melhor, mais barato)?

Mitchell - Parece bom, mas não produziu realmente muito progresso. Qualquer um sempre deveria buscar fazer coisas “better, cheaper, faster”. Mas, primeiro, é preciso uma meta bem definida, um objetivo que é politicamente viável, financeiramente atingível e que represente benefício científico significativo para a civilização.

Folha - O que o sr. acha de turistas no espaço? O sr. acredita que já é hora deles surgirem ou eles deveriam esperar mais desenvolvimen-

to nas tecnologias de vôo espacial?

Mitchell - O turismo espacial vai surgir, mas primeiro é preciso criar uma infra-estrutura legal que possa permitir esses empreendimentos no espaço.

Folha - Mas não seria muito cedo?

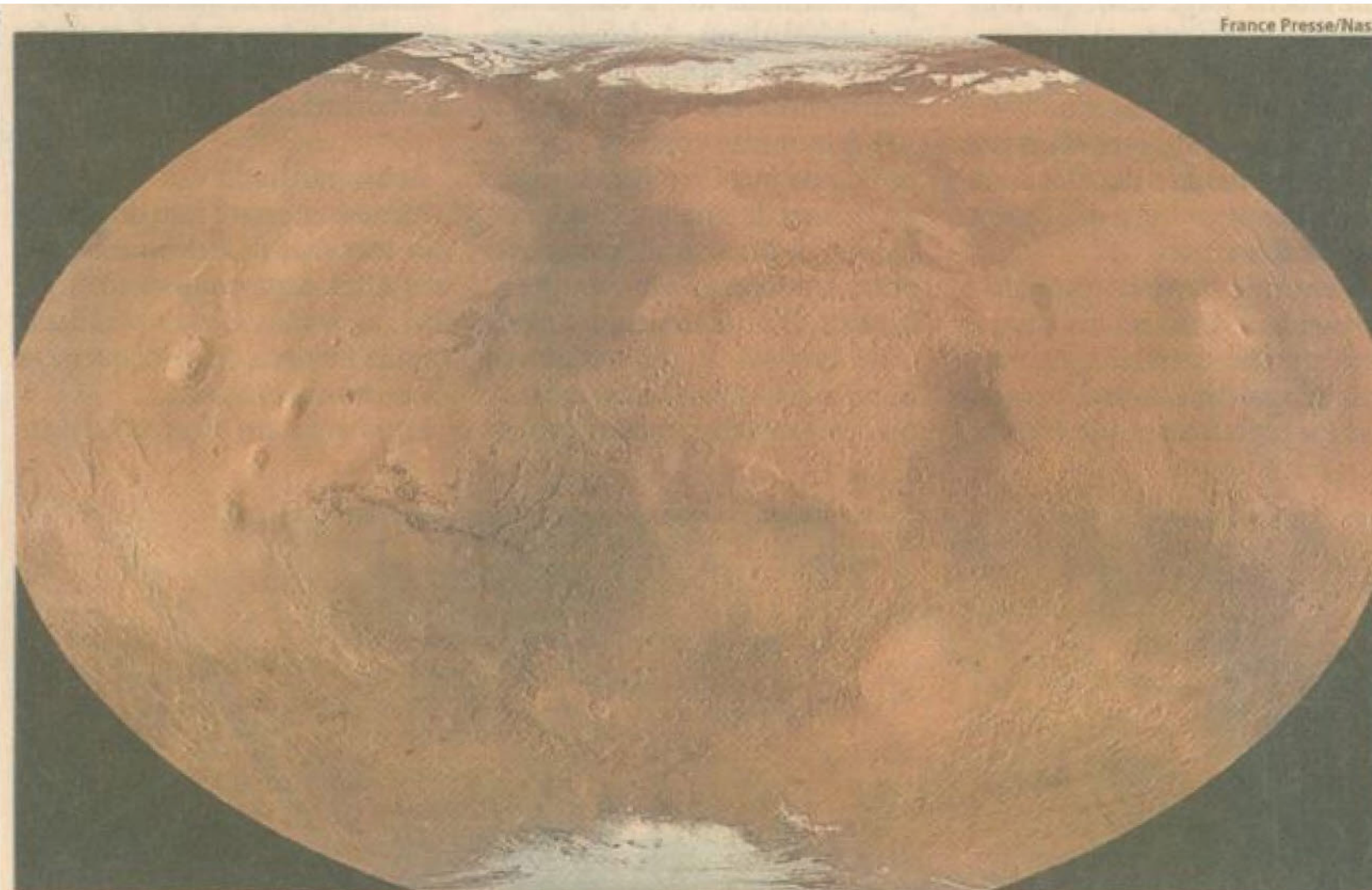
Mitchell - Não, não é muito cedo. Certos empreendedores já estão começando a projetar e construir módulos espaciais para esse propósito. Entretanto, a maioria dos governos ainda vê o espaço para propósitos de controle e supremacia política.

Folha - Se tivesse a chance, o sr. gostaria de voltar ao espaço?

Mitchell - Sim, quando tiver cem anos, para bater o recorde de idade [77 anos] de John Glenn.



Edgar Mitchell consulta um mapa na superfície da Lua, em 1971



Planisfério de Marte feito a partir de imagens coletadas pela sonda Mars Global Surveyor, da Nasa